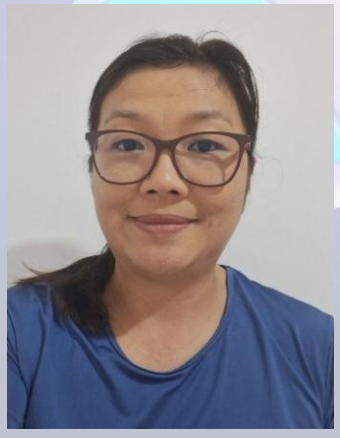
LEITURA, LETRAMENTO E PRODUÇÃO TEXTUAL

READING, LITERACY AND TEXT PRODUCTION



CINTIA SHIZUKA NAKAYAMA EZAWA
Graduação em Pedagogia pela Universidade de Mogi das Cruzes (2009); Especialista em Psicopedagogia Institucional, na área da Educação pela Faculdade Aldeia Carapicuíba, (2011); Professora do Ensino Fundamental I na Rede Pública Municipal de Suzano (2008-2022); Professora de Educação Infantil – CEI Juscelino Kubistchek de Oliveira

RESUMO

Este artigo visa ressaltar a relevância do trabalho com textos no processo educativo, buscando assegurar uma aprendizagem de qualidade. Compreende-se que um texto é mais do que uma simples junção de letras e ideias, pois possui um significado intrínseco. A proposta é explorar estratégias que incentivem a criança a criar textos que tenham uma função social, em vez de serem apenas uma atividade mecânica de redação. Desse modo, o texto também instiga uma reflexão sobre as novas exigências de leitura e escrita impostas pela sociedade contemporânea.

Palavras-Chave: Leitura; Interpretação De Textos; Produção Textual.

ABSTRACT

This article aims to highlight the relevance of working with texts in the educational process, seeking to ensure quality learning. It is understood that a text is more than a simple combination of letters and ideas, as it possesses an intrinsic meaning. The proposal is to explore strategies that encourage children to create texts that have a social function, instead of being merely a mechanical writing activity. In this way, the text also instigates reflection on the new reading and writing demands imposed by contemporary society.

Keywords: Reading; Text Interpretation; Text Production.

INTRODUÇÃO

LEITURA, LETRAMENTO E PRODUÇÃO TEXTUAL

A leitura, sob a ótica do letramento, transcende a mera decodificação de palavras. Para ser significativa, o leitor deve desenvolver a habilidade de compreender diversos tipos de texto e gêneros discursivos. Este processo envolve uma série de competências e comportamentos que vão além do reconhecimento de símbolos gráficos.

Neste contexto, a produção textual emerge como uma consequência natural da leitura significativa. Ao ter acesso a diferentes materiais escritos e experiências de leitura, o aluno se apropria de argumentos, vocabulário e estruturas que o ajudam a organizar seus próprios conhecimentos. Crianças que são expostas à linguagem escrita desde cedo costumam adquirir maior facilidade na aprendizagem da leitura e escrita.

Nos primeiros contatos com textos orais, a criança busca, intuitivamente, entender como a linguagem escrita funciona. É fundamental que a escola reconheça e valorize os conhecimentos prévios do aluno, ampliando seu repertório e guiando-o da compreensão sincrética para uma compreensão científica. Esse avanço será eficaz se for mediado por práticas de leitura contextualizadas e relevantes.

A criatividade do professor é crucial nesse processo. Ao criar situações em que a escrita se insere em contextos sociais reais, o educador motiva o aluno a reconhecer o valor da linguagem escrita. O professor deve atuar como um elo entre o texto, o interlocutor e o leitor, promovendo práticas que despertem a consciência do aluno sobre o papel social da leitura e da escrita.

Vivemos em uma sociedade marcada pelo grafo centrismo, onde a escrita permeia quase todas as áreas da vida. As crianças são constantemente expostas a diversos textos: nas ruas, por meio de placas, sinalizações e anúncios; e em casa, com bulas de medicamentos, embalagens, revistas e receitas. Essa imersão no universo letrado deve ser reconhecida e ampliada pela escola, que deve assegurar a continuidade desse contato com a leitura.

Na contemporaneidade, não é suficiente ser alfabetizado no sentido tradicional, ou seja, apenas decodificar letras e palavras. A sociedade atual exige indivíduos letrados, capazes de interpretar, utilizar e produzir textos em diferentes contextos. Embora teoricamente a escola tenha como objetivo principal o domínio da linguagem escrita, na prática essa meta muitas vezes não é plenamente alcançada.

A escola deve ser um espaço onde o aluno constrói seus conceitos de leitura e escrita, tornando-se autônomo em suas produções e desenvolvendo competências para usar a linguagem com clareza, coerência e propósito social. Ao explorar a língua escrita, o educando deve compreender os múltiplos usos e funções que ela pode exercer.

É relevante notar que leitura e escrita são processos distintos, mas interdependentes. Cada habilidade mobiliza operações cognitivas específicas. Ler com compreensão envolve mais do que decodificar símbolos; é necessário atribuir sentido, fazer inferências e refletir criticamente. Portanto, o trabalho com leitura e escrita, para ser eficaz, deve estar baseado no uso real dos textos.

Durante a produção textual, o aluno precisa aprender a articular suas ideias com clareza, escolher vocabulário adequado e utilizar a estrutura textual apropriada ao gênero em questão. Muitas vezes, observa-se que os estudantes, ao focarem no conteúdo, deixam de lado a forma, ou seja, a organização textual e os aspectos linguísticos.

Nesse aspecto, a mediação do professor é fundamental. Por meio de intervenções cuidadosas e da ampliação do repertório leitor dos alunos, o educador pode ajudá-los a perceber que conteúdo e forma devem caminhar juntos na criação de um texto de qualidade. Essa consciência é essencial para que o estudante melhore suas produções e desenvolva uma escrita mais eficaz e socialmente relevante.

A PRÁTICA DA LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

A escola contemporânea enfrenta o desafio significativo de ensinar a Língua Portuguesa de maneira abrangente e relevante. Além de transmitir conhecimentos gramaticais, é imprescindível desenvolver nos alunos a capacidade de leitura, interpretação e produção de textos, tanto orais quanto escritos. Essas competências são cada vez mais valorizadas em uma sociedade que prioriza o conhecimento e a informação.

Diante dessa realidade, o planejamento do conteúdo e a escolha de metodologias adequadas para atingir esses objetivos tornam-se tarefas complexas, mas indispensáveis. O trabalho com produção e reescrita de textos, por exemplo, deve estar vinculado a práticas de leitura e interpretação que incentivem o uso reflexivo e crítico da linguagem. É essencial valorizar a leitura como prática social para que os alunos consigam compreender os textos em profundidade, indo além da simples decodificação.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o ensino da Língua Portuguesa deve ampliar o uso da linguagem como forma de expressão e compreensão do mundo. Isso inclui permitir

que o aluno entenda textos orais e escritos, reconheça a diversidade linguística presente no país e utilize a linguagem como ferramenta para aprender e se comunicar. Nesse sentido, a leitura deve ser trabalhada de maneira significativa, promovendo o pensamento crítico e a construção de sentidos.

Entretanto, é necessário repensar práticas tradicionais de interpretação que se restringem à elaboração de questionários com respostas óbvias e literais, especialmente em textos informativos. Esse tipo de abordagem muitas vezes não promove uma verdadeira compreensão, pois não exige reflexão ou elaboração de ideias próprias por parte do aluno. Quando as perguntas repetem apenas palavras do texto e solicitam informações evidentes, o envolvimento com a leitura se torna superficial, transformando-se em uma atividade mecânica.

O processo de leitura envolve mais do que a atenção ao que está escrito. O leitor também mobiliza seus conhecimentos prévios sobre o tema, o gênero textual e a linguagem utilizada. Para que haja uma compreensão real, essas informações gráficas e cognitivas precisam se complementar. Assim, um mesmo texto pode ser interpretado de maneiras diferentes, dependendo do repertório e da bagagem cultural do leitor. Portanto, cabe à escola criar condições que favoreçam esse diálogo entre o conhecimento prévio do aluno e o que o texto apresenta.

O uso excessivo de livros didáticos que oferecem perguntas prontas e respostas previsíveis não estimula essa construção ativa de sentido. Em vez disso, pode limitar a experiência de leitura. É necessário criar situações em que os estudantes possam refletir, discutir e aprofundar sua compreensão. Isso é especialmente relevante para textos que tratam de áreas como matemática, ciências, história, geografia e literatura, onde a análise linguística deve ser considerada. Afinal, decorar conteúdo não é suficiente; é preciso compreendê-los e saber aplicá-los.

O trabalho de pesquisa, por sua vez, oferece ricas oportunidades para que os alunos analisem e comparem textos em relação ao conteúdo e à forma. Cada tipo textual possui características específicas — uma carta se organiza de maneira diferente de uma notícia ou de um texto informativo. Reconhecer essas diferenças contribui para uma leitura mais crítica e uma escrita mais consciente.

Outro recurso valioso é o debate em sala de aula. Ao discutir um tema lido ou ouvido, os alunos são incentivados a formular argumentos, defender ideias e refletir sobre os pontos de vista apresentados. Esse tipo de atividade permite ao professor avaliar a compreensão dos alunos sem depender exclusivamente de perguntas e respostas escritas, enriquecendo o processo de aprendizagem ao promover a escuta e a argumentação.

O resumo também pode ser uma ferramenta eficaz para avaliar a compreensão leitora. Ao solicitar que os alunos escrevam, com suas próprias palavras, o que entenderam de um texto, o professor

pode identificar se os elementos principais foram assimilados. Quando isso não ocorre, indica que o conteúdo precisa ser revisitado de maneira mais clara e acessível.

Para substituir a interpretação tradicional baseada apenas em respostas literais, o professor pode sugerir atividades criativas de reconstrução textual. Recontar uma história com palavras diferentes, imaginar um final alternativo, transformar um poema em narrativa ou converter uma carta em notícia são estratégias que fomentam a autonomia e a expressão dos alunos. Essas práticas incentivam a reflexão sobre o texto e ampliam as possibilidades de compreensão.

Outras estratégias, como a leitura de manchetes de jornais, a interpretação de imagens, capas de livros ou a análise de opiniões e reflexões a partir de uma pergunta geradora, são formas eficazes de desenvolver leitores críticos e competentes. Essas abordagens favorecem o envolvimento com o texto, estimulam o pensamento e promovem o domínio da leitura como prática social significativa.

Marquesi, Pauliukonis e Elias (2017) destacam em seus estudos sobre as funções das sequências textuais descritivas que elas desempenham um papel fundamental na apresentação de objetos, seres, lugares, entidades ou conceitos. Segundo as autoras, a presença constante de elementos descritivos nos textos se justifica pelo fato de que a descrição é essencial para a construção do discurso, pois ajuda a situar o leitor em relação ao que está sendo abordado. Assim, o descritivo não é apenas um recurso estilístico, mas um fenômeno estrutural que contribui para o processo de referenciação, ou seja, para a identificação precisa do objeto em questão dentro do texto.

Organizacionalmente, as autoras dividem o descritivo em três categorias principais: designação, definição e individuação. A designação refere-se ao ato de nomear o objeto, condensando-o em um recorte lexical que possibilita sua identificação básica. A definição tem como função apresentar os atributos essenciais e específicos desse objeto, evitando confusões com outros elementos semelhantes. Por fim, a individuação visa diferenciar o objeto, atribuindo-lhe uma existência singular e única, considerando seu tempo e espaço específicos.

Para que essas categorias se organizem e cumpram seu papel comunicativo, Marquesi, Pauliukonis e Elias (2017) apontam duas regras fundamentais: a regra da equivalência, que estabelece relações horizontais entre categorias e predicados no mesmo nível, e a regra da hierarquização, que organiza essas relações verticalmente, criando uma estrutura lógica e coerente entre os elementos descritivos.

Essas regras são relevantes, pois permitem que o leitor compreenda com clareza o objeto descrito, evitando dúvidas e confusões, possibilitando assim uma comunicação mais eficaz. A narração e a descrição, quando bem construídas, enriquecem o texto, conferindo-lhe mais detalhes e profundidade ao comunicar e expressar ideias no papel.

Dominar essa habilidade é essencial para que os alunos possam produzir textos mais claros e organizados, aprimorando assim sua capacidade de leitura e produção textual. Ao ensinar os estudantes a identificar e usar adequadamente esses elementos, o professor contribui para o desenvolvimento da competência textual e para o fortalecimento da capacidade argumentativa, uma vez que a clareza na apresentação dos objetos do discurso é fundamental para que as ideias sejam compreendidas e debatidas.

Portanto, compreender e usar adequadamente as categorias da descrição, segundo Marquesi, Pauliukonis e Elias, representa um avanço importante para o ensino da língua portuguesa, pois fundamenta práticas pedagógicas que promovem o desenvolvimento das habilidades de leitura, interpretação e produção textual de forma mais crítica e reflexiva.

Ao buscar uma leitura mais reflexiva, muitos educadores deixaram de corrigir a escrita das crianças, permitindo que elas escrevessem apenas de acordo com seu pensamento, sem a mediação adequada durante o processo de construção da escrita. Como resultado, um número significativo de alunos chega, e ainda chega, aos anos finais do Ensino Fundamental I e II com erros ortográficos evidentes.

Certamente, a forma como a escola aborda o ensino da ortografia nos anos iniciais, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, especialmente durante a alfabetização, precisa ser revisada. No entanto, deixar de orientar o aluno e mostrar a forma correta de escrever é subestimar sua capacidade de aprendizado e desenvolvimento.

Dúvidas e dificuldades relacionadas à escrita são naturais e fazem parte do processo de aprendizagem. É papel do professor trabalhar com a reescrita dos textos, incentivar o uso do dicionário, promover pesquisas, realizar análises fonéticas, criar materiais visuais como cartazes e estimular a leitura constante. Essas são estratégias eficazes para o ensino da ortografia.

Nosso sistema de escrita é alfabético, mas não há uma correspondência perfeita entre letra e som. O ideal em uma escrita alfabética pura seria que cada letra correspondesse a um som e cada som a uma letra, mas, no português, poucas letras apresentam essa relação direta e constante.

Todos nós enfrentamos inseguranças na escrita em algum momento e, muitas vezes, precisamos recorrer ao dicionário para esclarecer dúvidas. Imagine, então, o desafio de um aluno que precisa relacionar tantos sons e palavras para construir seu conhecimento sobre o sistema de escrita e a ortografia. Essa tarefa pode ser bastante complexa, mas torna-se mais viável quando o professor oferece apoio por meio de atividades planejadas que envolvam muito contato com a leitura e a escrita.

Dessa maneira, o estudante constrói o domínio da escrita de forma significativa, utilizando-a em sua prática social. Quando o aluno recebe seu texto para reescrever, assume o papel de autor crítico e leitor atento de sua própria produção.

Nesse sentido, Coelho e Palomanes (2016) enfatizam que “o desenvolvimento da habilidade de produção textual envolve um longo processo de escrita e reescrita de textos” (p. 23). Portanto, a produção textual deve ser vista como um processo evolutivo, onde o aluno escreve, revisa e reescreve, sempre orientado, para que sua habilidade de escrita se aperfeiçoe de forma eficaz ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, procurou-se evidenciar a importância do trabalho com textos no aprendizado da Língua Portuguesa para garantir que a escrita tenha sentido e qualidade. Também ficou claro que leitura e escrita são processos distintos, embora inter-relacionados. O papel do professor como mediador, tanto antes quanto durante e após a produção textual do aluno, foi enfatizado. É evidente que o aluno precisa escrever com uma função social, sendo crucial que tenha um propósito definido ao escrever. Assim, diferenciou-se a redação da produção textual, destacando a necessidade de não encarar a escrita do estudante apenas como um ato de avaliação.

Ao refletir sobre o processo da escrita, percebe-se que isso leva o aluno a se envolver mais com o texto que produz. Essa reflexão o ajuda a analisar criticamente tanto o conteúdo quanto a forma do seu texto. Quando entende para quem e por que está escrevendo, o estudante consegue organizar suas ideias de maneira mais clara e coerente, ao contrário de quando escreve apenas para ser avaliado.

Para que o conhecimento e o domínio da linguagem escrita se desenvolvam, é preciso entender que esses não são processos mecânicos ou isolados, mas sim momentos de construção contínua de conceitos e descobertas. Fazer com que o aluno apenas repita palavras ou frases de maneira mecânica não contribui para o aprendizado e pode até distorcer a compreensão da escrita.

Além disso, uma aprendizagem realmente significativa ocorre quando professor e aluno são parceiros na busca pelo conhecimento, abandonando a ideia do professor como único detentor do saber. Essa vivência cria um ambiente onde o educador atua como mediador e facilitador do processo de ensino e aprendizagem, respeitando o ritmo e as necessidades de cada aluno, visando uma aprendizagem significativa em que o aluno é o construtor de seu próprio conhecimento.

Estimular a leitura é fundamental para formar leitores competentes. A leitura é a base da educação, pois ao incentivar o aluno a ler, despertamos nele a curiosidade e o interesse por aprender e entender melhor o mundo ao seu redor.

Por fim, o ato de ler deve ser significativo, para que o aluno consiga interpretar textos orais e escritos de forma autônoma, desenvolvendo senso crítico e participando ativamente da sociedade. O trabalho contínuo com leitura e escrita não apenas prepara para o sucesso escolar, mas também para a formação completa do indivíduo enquanto cidadão consciente, capaz de dialogar e atuar em seu meio.

REFERÊNCIAS

COELHO, Fábio André; PALOMANES, Roza (orgs.). **Ensino de produção textual.** São Paulo: Contexto, 2016.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2006

MARQUESI, Suelo Cristina; PAULIUKONIS, Aparecida Lino; ELIAS, Vanda Maria. **Linguistica textual e ensino**. São Paulo, Contexto: 2017